

ALINGUAGEM CRIATIVA DAS ARTES DRAMÁTICAS NO PROCESSO EDUCATIVO DA CRIANÇA.

Lenilda Peixoto Bahia¹

RESUMO

O presente artigo pretende dialogar com a ludicidade advinda do teatro na educação infantil como linguagem criativa e libertadora. Pretende ainda, refletir sobre a formação fragmentada dos educadores em arte-educação e as consequências dessa formação na sua prática pedagógica. Nesse sentido, veremos como é importante criar um ambiente fértil para a exploração dessas linguagens nas diferentes formas de brincar, tanto nas brincadeiras de faz de conta ou com papéis mais definidos (representação da família, casinha, fantoches, profissões). A importância que o teatro tem na formação e no desenvolvimento da criança, considerando-a como um ser que pensa, sente e faz, é sublime. Seja no aspecto pedagógico ou no aspecto artístico, assistido ou encenado, o teatro auxilia a criança no seu crescimento cultural e na sua formação como indivíduo. A escola é um espaço de conhecimento e aprendizagem, assim, as artes- música, literatura, pintura, escultura, teatro- passam a ser fundamentais para o desenvolvimento perceptivo da criança. A escolha de jogos teve como um dos motivos a percepção que, ao trabalhar com os jogos teatrais as crianças simulam e exploraram situações vivenciadas em seu cotidiano ou que não gostariam de vivenciar na vida real, mas percebem no jogo possibilidades de explorá-las. Agindo elas reproduzem os papéis do meio cultural a sua volta, explorando diferentes formas de relações e valores presentes em seu contexto. Possibilitando vivências com elementos reais e irreais, podendo ou não ter a inserção de objetos, mas tendo o símbolo como elemento que transita entre a fantasia e o fictício. Este trabalho procura também explorar as relações entre criança/espaco-criança/educador, vivenciadas durante as situações dramáticas, apontando como o jogo teatral pode contribuir diretamente no processo de apropriação e interação da criança com a sociedade em que está inserida e com o aprendizado de alguns elementos teatrais em suas vivências. Percebe-se que a criança ao participar desses jogos, conhece e reproduz situações dramáticas, vivenciam novas possibilidades de aprendizagem e engrandecem o seu conhecimento a respeito da área do teatro. Enfim, traçando um parâmetro a respeito da instituição de educação infantil, o histórico do jogo, contendo suas ramificações que se dão em drama infantil/faz de conta, jogo tradicional e jogo teatral pode se concluir que, as estratégias darão certo se o professor planejar, aplicar e avaliar, apontando aspectos relevantes quanto ao papel do educador, que conseguirá seus objetivos se acreditar que é possível.

PALAVRAS-CHAVE: Teatro; educação infantil; arte – educação.

INTRODUÇÃO

No Brasil, ainda é muito tímido o ensino das artes dramáticas nas salas de aula e nas formações de professores, tanto nas universidades como nos cursos de educação continuada. As escolas se limitam ao ensino de artes apenas utilizando o desenho pronto, a geometria ou

¹Graduada em Pedagogia pela UNEB – Universidade do Estado da Bahia-Campos x e Pós-Graduada do curso de Docência do Ensino Superior da Faculdade Joaquim Nabuco- PE. Professora da Educação Básica da Rede pública de Teixeira de Freitas – BA. E-mail: lenilda.bahia@gmail.com.

um jogral vez ou outra, nas comemorações de datas comemorativas. A linguagem dramática não é incentivada nem ensinada, por alguns fatores que permeiam a formação curricular e docente, tornado as salas de aula pouco atrativa e sem cor.

O cenário que inspirou esse artigo foi o resultado de uma pesquisa bibliográfica e de diversos momentos vivenciados nas salas de aulas da Educação Infantil ao Ensino Fundamental I. Momentos de angústia, reflexões, e tomada de novas posturas que incentivam criatividade, descobertas e expressão intrínseca e extrínseca de meninos e meninas nos palcos da educação básica brasileira foram atos cotidianos desse cenário.

Desse modo, percebemos que ainda precisa ser feita uma mudança de opinião dentro da própria comunidade escolar frente ao ensino das artes, de modo que seja garantido aos educandos um currículo completo e capaz de ultrapassar a ideia de enlucamento do ensino de artes do passado e partir para um novo momento de encantamento, técnica e autoconhecimento que o teatro proporciona.

Aos docentes, deixo aqui um convite sem custo algum: o desafio de lançarem mão de muita vontade e comprometimento para transformarem a escola em um palco de conhecimentos, a sala de aula num cenário de aprendizagens significativas onde os alunos sejam de fato seus protagonistas capazes de transformarem o mundo num lugar bem mais bonito.

A FINALIDADE DOS JOGOS TEATRAIS NA EDUCAÇÃO

Os jogos teatrais são procedimentos lúdicos com regras explícitas. A finalidade do jogo teatral na educação escolar é o crescimento pessoal e o desenvolvimento cultural dos jogadores por meio do domínio da comunicação e do uso interativo da linguagem teatral, numa perspectiva improvisacional ou lúdica. O princípio do jogo teatral é o mesmo da improvisação teatral, ou seja, a comunicação que emerge espontaneamente das interações entre sujeitos engajados na solução de um problema ou atuação. Neste contexto, para KOUDELA:

[...] para que no futuro o teatro na educação como em qualquer área do conhecimento, os pressupostos metodológicos de uma metodologia de ensino necessitam proporcionar o conhecimento da estrutura teórico-prático dos procedimentos que levam à aprendizagem, ensejando a incorporação do polo instrucional ao polo sociocultural. Nessa trajetória, o que se convencionou denominar de metodologia do ensino adquire um valor relativo que se configura no enlace entre educador e educando, em meio às condições objetivas (matéria, situação escolar, ambiente etc.) e subjetivas (pessoas, comunidades etc.). (KOUDELA. 2006, p.63)

O teatro na escola, de acordo com os PCNS de Arte² (2001), tem o intuito de que o aluno desenvolva um maior domínio do corpo, tornando-o expressivo, um melhor desempenho na verbalização, uma melhor capacidade para responder às situações emergentes e uma maior capacidade de organização de domínio de tempo. Destaca Carvalho (2008, p.37) “O jogo teatral centrado na ludicidade propicia aos atores sociais envolvidos, espaço/tempo para vivenciar as diversas possibilidades relacionadas com a questão problematizadora e para expressarem-se de forma mais integral, sem as censuras sociais e grupais, permitindo que os valores intrínsecos relacionados à experiência de ser no mundo possam estar presentes”.

É possível perceber que a história do ensino da arte no Brasil demonstra uma afinidade com os modelos de educação da Escola Tradicional e Nova³. É por se fazer necessária uma mudança que a Escola Progressista parece ser a mais fundamental prática de ensino de teatro que se pretende. (SAVIANI, 1997), constata-se que o ensino da arte, na educação escolar brasileira, segue concebido por muitos professores, funcionários de escolas, pais de alunos e estudantes como supérfluo, caracterizados quase sempre como lazer, recreação ou “luxo”, apenas permitido às crianças e adolescentes das classes economicamente mais favorecidas.

Na rede pública, não é difícil constatar que o gerenciamento autoritário das unidades de ensino, a carência de espaços adequados para o trabalho com as artes, a superlotação das classes, as instalações escolares precárias e os baixos salários pagos aos trabalhadores da educação têm afugentado a competência profissional (isso não só em relação ao ensino das artes). Contudo, por outro lado, essas pressões sociais e políticas da economia de mercado em processo de globalização e automação crescentes passaram a exigir a formação multilateral do educando, sinalizando a valorização do teatro e das artes na escolarização dos sujeitos, como acredita Saviani:

[...] A universalização de uma escola unitária que desenvolva ao máximo as potencialidades dos indivíduos, conduzindo-os ao desabrochar pleno de suas faculdades espirituais- intelectuais, estaria deixando o terreno da utopia e da mera inspiração ideológica, moral ou romântica para se converter numa exigência posta pelo próprio desenvolvimento do processo produtivo. (SAVIANY, 1998 P.66-72apud JAPIASSU, 2001).

A MAGIA DO JOGO DRAMÁTICO NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA

² Parâmetros Curriculares Nacionais, 2001.

³ A Escola Nova é de fundamental importância na história do Teatro Educação, pois foi a partir desse movimento que o teatro na educação adquiriu status epistemológico e a importância psicopedagógica. O problema é que nelas firmou o ensino das artes apenas como livre expressão, sem considerar as dimensões históricas sociais e cognitivas. (MEC. Parâmetros Curriculares nacionais, 2001).

O teatro é uma atividade de enorme importância na educação infantil. No teatro, os alunos e o professor podem brincar de pessoas e personagens diferentes. Podem fazer coisas que normalmente, não fariam na vida real. Essa é a essência dessa arte. Mas, o importante é que o teatro promove a socialização, desinibição, trabalho em grupo, melhoria da capacidade de se expressar e de fazer ouvir críticas construtivas.

Acreditamos que aqui reside o poder pedagógico do Teatro: na possibilidade de afetar comportamentos, atitudes, modos de pensar, através de uma atividade estética coletiva que obriga, por sua própria natureza, a constante troca de sentidos entre seus participantes.

É necessário que o professor seja sensível para perceber e incentivar a criatividade teatral das crianças. Os contos de fadas apresentam dramas familiares, e através deles “todos os conflitos humanos são encontrados e resolvidos através da fantasia”. (BETTELHEIM, 1980, p.7). Suas histórias contemplam personagens contraditórios, que representam tanto a maldade como a virtude; esperanças, submissão e dramas familiares, tão comuns em nossa sociedade contemporânea. Além de acentuarem os valores morais e os comportamentos desejáveis à uma sociedade harmônica. Desenvolvem-se num cotidiano mágico, tendo como tema uma problemática social e existencial ou um desejo de autorrealização do herói ou do antagonista. Retratam também o medo (Chapeuzinho Vermelho...), o amor (A Bela e a Fera, O Príncipe Sapo...), dificuldades de ser criança (O Pequeno Polegar, Cinderela...), carências (João e Maria, A Pequena Vendedora de Fósforos...), autodescobertas (O Patinho Feio, João e o Pé de Feijão...), perdas e buscas (Bela Adormecida, A Bela e a Fera...). Alguns psicólogos como Henri Wallon, consideram que os contos são um caminho seguro para satisfazer os conflitos infantis: rejeição, pobreza, ciúme entre irmãos, orfandade, etc. Os contos de fadas foram usados inicialmente para desenvolver o gosto pela leitura, bem como para resolução de conflitos internos infantis, propiciando aos alunos apenas o contato com a função estética da literatura.

Foi oportunizado o contato com as versões originais por serem tão significativas e dramáticas, mas ainda, procurando confrontar com as versões modernas, e nesta tarefa os alunos envolveram-se trazendo à sala de aula as versões que conheciam. Além de envolver outros textos, como a Chapeuzinho Amarelo de Chico Buarque, estabelecendo paralelos e diferenças; apresentando a versão do Lobo à história dos Três Porquinhos, onde os alunos puderam posicionar-se contra ou a favor ao Lobo, aproveitando esse momento em sala de aula para desenvolver e aprimorar o senso crítico e participativo dos alunos. Como também o

trabalho com valores tão necessários à sociedade, onde os valores estão sendo constantemente modificados, e tem-se enaltecido a competição, o individualismo, pois vemos na LDB 9394/96⁴, a preocupação com dois eixos básicos: a liberdade e a solidariedade. Ver e fazer a educação fundamentada nesses princípios é um grande desafio, pois o individualismo e a competição estão em auge, como também estabelecer um conceito de liberdade é complexo, por envolver: conhecimento, discernimento, tomada da decisão, trânsito livre, livre comunicação, enfim, como efetivar esses princípios estando imersos numa sociedade excludente e desigual? Contudo, a escola deve assumir seu papel social, reconhecendo-se não como a chave para transformação social, mas como a ponte para a liberdade. (FREIRE, 1988).

Para isso é preciso problematizar os conteúdos acumulados historicamente, inclusive os contos de fadas, pois alguns possuem um caráter reacionário, talvez por terem surgido para adultos, será que não surgiram como um instrumento à dominação da classe dirigente? Ao mostrarem sempre um final feliz para personagens submissos e sofredores, não estariam incentivando a submissão? De acordo com SILVA, “o currículo oculto ensina, em geral, o conformismo, a obediência, o individualismo. Em particular, as crianças das classes operárias aprendem as atitudes próprias ao seu papel de subordinação.” (2001, p.79).

A criança, ao começar a frequentar a escola, possui a capacidade da teatralidade como um potencial e como uma prática espontânea vivenciada nos jogos de faz-de-conta. Cabe à escola estar atenta ao desenvolvimento no jogo dramatizado oferecendo condições para o exercício consciente e eficaz, para aquisição e ordenação progressiva da linguagem dramática. Deve tornar consciente as suas possibilidades, sem a perda da espontaneidade lúdica e criativa que é característica da criança ao ingressar na escola. “Nesse sentido que ensinar não é transferir conhecimentos [...] nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso. e acomodado” (FREIRE, 1996 p.23).

O teatro, no processo de formação da criança, cumpre não só função integradora, mas dá oportunidade para que ela se aproprie crítica e construtivamente dos conteúdos sociais e culturais de sua comunidade mediante trocas com os seus grupos. No dinamismo da experimentação, da fluência criativa propiciada pela liberdade e segurança, a criança pode transitar livremente por todas as emergências internas integrando imaginação, percepção, emoção, intuição, memória e raciocínio. “O teatro tem como fundamento a experiência de

⁴ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996.

vida: ideias, conhecimentos e sentimento. A sua ação é a ordenação desses conteúdos individuais e grupais.” (PCN de Artes, 2001, p.57).

As propostas educacionais devem compreender a atividade teatral como uma combinação de atividade para o desenvolvimento global do indivíduo, um processo de socialização consciente e crítico, um exercício de convivência democrática, uma atividade artística com preocupações de organização estética e uma experiência que faz parte das culturas humanas. A escola deve viabilizar o acesso do aluno à literatura especializada, aos vídeos, às atividades de teatro de sua comunidade. Saber ver, apreciar, comentar e fazer juízo crítico deve ser igualmente fomentado na experiência escolar. Matizarmos os contos de fadas no exercício dessa prática teatral organizada na Educação Infantil observamos algo da técnica de teatro épico. O estímulo à presença de muitos narradores.

A arte ajuda o ser no processo de identificação da vida do outro incorporando em si aquilo que ele ainda não é, mas pode vir a ser: um ser humano total. A relação criada pelo exercício do ato teatral é eminentemente dialógica, pois ao dramatizarmos precisamos do olhar do outro, de sua visão, de seu saber, de sua ação estética, de sua constante troca emocional que cria um ambiente em que compreender implica responder ao outro e completar sua visão de mundo.

O momento de expressão da criança deve ser respeitado de maneira respeitosa, observá-la deve ser um ato constante e motivador. Os relatórios desses momentos únicos precisam ser registrados para que se conheça a personalidade que está se formando, suas angústias, alegrias, decepções e avanços em sua aprendizagem. “O objetivo do ensino das artes, para a concepção pedagógica essencialista, não é a formação de artistas, mas o domínio, a fluência e a compreensão estética dessas complexas formas humanas de expressão que movimentam processos afetivos, cognitivos psicomotores”. (JAPIASSU, 2001, p.24).

O teatro abre as portas da imaginação e leva a criança a lugares nunca antes explorados...

[...] uma distinção muito cuidadosa deve ser feita entre drama no sentido amplo e teatro como é entendido pelos adultos [...] no drama [...] a criança descobre a vida e a si mesma através de tentativas emocionais e físicas e depois através da prática repetitiva, que é o jogo dramático. [...] Mas nem a experiência pessoal nem na experiência de grupo existe qualquer consideração de teatro no sentido adulto. (SLADE,1978, p.18 apud JAPIASSU, 2001, p.34)

As escolas precisam investir mais em recursos físicos e pedagógicos de modo que a arte transcenda as paredes da rotina e chegue aos palcos do coração e da aprendizagem de nossas crianças e passe a brilhar para plateias cada vez mais receptivas e motivadoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, somos sabedores do quão é difícil transformar a sala de aula em um palco de saberes, onde os atores principais desse espetáculo sejam as crianças dotadas de sonhos e criatividade. Mas é necessário que todos se mobilizem (escola, sistemas educacionais municipais e nacionais e comunidade escolar) para que a linguagem teatral seja uma valiosa ferramenta de ensino aprendizagem.

Para que no futuro o teatro na educação assuma o seu verdadeiro papel, que é o de contribuir para o desenvolvimento emocional, intelectual e moral da criança, correspondendo fielmente aos seus anseios e desejos, respeitando-lhes as etapas do pensamento que evolui do concreto para o formal para dar-lhe uma visão de mundo a partir da marcha gradativa das suas descobertas.

O teatro não pode ser visto em uma instituição apenas como algo lúdico. Ele é uma matéria como as outras e propõe aprendizados como as mesmas. Pois ele é capaz de desenvolver várias habilidades e conhecimentos, não só racionais, mas também sensitivos e corporais. Mas sem esquecer que o teatro não exclui o lúdico, pois fazer arte pode ser totalmente prazeroso e divertido, tornando assim o trabalho produtivo, mas sem ser algo imposto ao aluno. Além da metodologia, deve-se entrar em questão o quesito afetividade, pois as crianças bem pequenas precisam sentir segurança com o educador, dificilmente participará de algo proposto por alguém que ela não conheça.

O jogo não deve ser algo que é imposto, mas que está ali para ser apresentado e experimentado, respeitando assim o tempo da criança, que de primeiro momento pode não querer participar da atividade, e, opta por apenas observar, percebendo que essa criança pouco a pouco vai cedendo ao processo de uma forma espontânea e não imposta. O jogo teatral também acarreta as características dos jogos, como: espaço limitado, tempo limitado, utilização do imaginário e da realidade, presença de regras (com liberdade para modificá-las), espaço para a manifestação ou vivência da ludicidade, livre escolha e é um ato sem previsão de resultados (caráter improdutivo).

O importante mesmo é deixar a fantasia acontecer de forma espontânea, e nesse momento ímpar, saber aproveitar cada minuto para promover a aprendizagem significativa, favorecendo a construção do conhecimento de maneira intensa e verdadeiramente bonita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise nos Contos de Fadas**. Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CARVALHO, Rita de Cassia. **Jogos teatrais: um caminho para a expressão de valores com adolescentes**: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/11770/google>-acessado em 20/08/2014
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários á Prática Educativa**. 29 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOVERNO FEDERAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais Arte. Ensino Fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, 2001.
- JAPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz. **Metodologia do Ensino do Teatro**. Campinas: Papirus, 2001.
- KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos Teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- KOUDELA. I. D. **Pedagogia do Teatro**. In: Congresso Brasileiro de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (4: 2006: Rio de Janeiro). Anais/ do IV Congresso Brasileiro de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. Organização RABETTI, Maria de Lourdes. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.
- MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Disponíveis em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf> > acesso em 22/08/2014.
- SAVIANI, Demerval. **A nova lei da educação; LDB; trajetórias, limites e perspectivas**. Campinas: Autores Associados, 1997.
- SLADE, Peter. **O Jogo Dramático Infantil**. São Paulo: Sammus, 1987, PP-17-24.